

SIMPÓSIO AT102

O ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ: ACONTECIMENTO DE LINGUAGEM E ESPAÇO DE MEMÓRIA NA CIDADE

VIEIRA, José Mágnio de Sousa
UNEMAT
magnoreute@bol.com.br

MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da
UNEMAT
analuzart@unemat.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar, pelo viés da Análise de discurso de linha francesa, os efeitos de sentidos das palavras “sobra” e “obras,” recortes de uma reportagem publicada na revista piauiense *Presença* sobre a comemoração dos 100 anos do Arquivo Público do Piauí. Mobilizamos os conceitos de memória discursiva, interdiscurso e acontecimento discursivo, dentre outras noções a partir de M. Pêcheux (2008; 2015) e Orlandi (1999; 2014; 2017), por meio dos quais elaboramos nosso dispositivo teórico, analítico e metodológico que possibilita interpretar o discurso sobre o Arquivo Público do Piauí enquanto espaço histórico e político, parte da memória discursiva da cidade de Teresina. Nossa análise incide sobre a compreensão da língua no batimento entre descrição e interpretação do discurso sobre o prédio do Arquivo Público. Desse modo temos que língua, simbólico, partes do processo discursivo, põem a cidade e o Arquivo na relação com a história constitutiva.

Palavras-chave: Cidade; Memória discursiva; Acontecimento; Arquivo.

Abstract: This research, inserted in the line of Discourse Analysis French, analyze, the sense effects of the words "waste" and "works", clippings of a report published in the magazine *Presença* about celebrating the 100 years of the Arquivo Público do Piauí. Mobilization of concepts of discursive memory, interdiscourse and discursive event, among other notions of M. Pêcheux (2008, 2015) and Orlandi (1999, 2014, 2017), through which we elaborate our theoretical, analytical and methodological device that makes it possible to interpret discourse on the Arquivo Público do Piauí as a historical and political space, part of the discursive memory of the city of Teresina. the analysis caused a beat between description and interpretation. In it, the discourse on the Public Archive, language and symbolic building is part of the discursive process. That is, the Public archive is in relation to constitutive history.

Keywords: City; Discursive memory; Event; Archive.

Introdução

A presente análise é um recorte de nossa pesquisa de tese, em desenvolvimento, sobre a reconfiguração discursiva da cidade de Teresina pensada em sua relação com os rios Poti e Parnaíba. Neste trabalho buscamos compreender os efeitos de sentido dos termos “obras” e “sobra” que pelo discurso são atravessadas pelo político, no simbólico, irrompem a contradição no/sobre o Arquivo Público do Piauí.

Para a análise foram realizados dois recortes do editorial da revista *Presença* publicado em 2018, em comemoração aos 100 anos de fundação do Arquivo Público do Piauí, localizado na cidade de Teresina. Os recortes, acontecimento discursivo que se dá a ler, tratam da construção do prédio sede do Arquivo Público fazendo irromper um sentido outro, a saber: o de que a sede resulta da “sobra” de material de uma outra obra: o prédio do Hospital Getúlio Vargas.

A contradição que se instaura na textualização das palavras “obras” e “sobra”, irrompem sentidos sobre o Arquivo Público dizendo (sem o querer?) que a sede é oriunda daquilo que “sobra” de outra “obra”. Uma paráfrase possível na ordem da língua, mas impossível na ordem do real que o político impõe seria: O hospital Getúlio Vargas foi construído com a “sobra” das “obras” do Arquivo Público do Piauí.

Um dizer de Teresina: incursão sobre a transferência da capital do Piauí

A transferência da capital do Piauí de Oeiras para a Vila Nova do Poti ocorreu em 1852. Politicamente Oeiras, situada no sertão, isolada, sem estradas, longe dos rios – e os rios nessa conjuntura são estrada – prejudicava o desenvolvimento do Piauí. Economicamente, o isolamento geo-político de Oeiras provocaram grande evasão de impostos ao erário piauiense devido ao desenvolvimento da cidade maranhense de Caxias, próxima à então Vila Nova do Poti. Estes elementos justificaram a mudança. A transferência da capital significa “... colocar a Província do Piauí mais próxima do mundo, uma vez que

o novo centro de poder seria fincado às margens do rio Parnaíba, caminhos de águas que banham grande parte do território... ” (NASCIMENTO, 2011, p.1).

Este atravessamento econômico alavancador da mudança da capital de Oeiras para a Vila Nova do Poti, rebatizada Teresina, nos faz pensar no que Le Goff (1994, p. 172) compreende como sendo “... a tomada de consciência de uma ruptura com o passado...” uma vez que Oeiras passa a significar o atraso, o isolamento do qual o Piauí precisava se desvincular para atingir o progresso a partir da ruptura.

Na constituição da nova capital, debruçamos sobre uma preocupação com a memória institucional, aquela que não se esquece (conforme Pêcheux). Em 1909, cinquenta e seis anos depois da fundação de Teresina, é fundado o Arquivo Público do Piauí, e passa a existir um lugar que, pelo viés histórico passa a ser concebido enquanto local de arquivo da “memória estável”. Este lugar, pelo simbólico, passa a se significar discursivamente a partir dos atravessamentos históricos que constituem a fundação do Arquivo Público. Acontecimento discursivo que se marca na contradição que se impõe na língua pela relação de sentidos entre “obras” e “sobra”.

A fim de adentrarmos em nosso objeto, torna-se necessário pensar a cidade constitutiva de materialidades discursivas na ordem do simbólico que, confrontado com o político, possibilita ver pela discursividade que

o simbólico e o político se confrontam de um modo específico, particular [...] a ordem do discurso urbano [...] sendo a ordem do domínio do simbólico (a sistematicidade sujeita a equívoco) na relação com o real, enquanto a organização refere ao empírico e ao imaginário (arranjo das unidades)” (ORLANDI, 1999, p. 8).

É nesse confronto entre o simbólico, o que se discursiviza, e o político, o que impõe a ordem, que nos inserimos. Trabalhar a ideologia, o sujeito na materialidade discursiva de nosso *corpus* de análise. A língua, lugar do equívoco aquilo que escapa no ordenamento linguístico de dois termos, “obras” e “sobra” nos faz perceber no real da história a memória marcada na ordem do

simbólico. O equívoco que significa no arranjo discursivo de quem queria dizer x, mas com x também disse y.

A memória que irrompe em equívoco

A memória pensada discursivamente se põe na relação com sua atualidade. A memória definido por Pêcheux enquanto “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2008, p. 17). A atualidade que afeta a memória ressignificando-a materializa-se na ordem do simbólico e aborda “... explicitamente o fato linguístico do equívoco como fato estrutural” (Pêcheux, op. Cit., p. 51).

Ao entendermos essa materialidade discursiva como efeito, podemos compreender a memória discursiva no sentido que confere Orlandi (2017, p. 57), qual seja: “A memória discursiva, o interdiscurso [...] é essa atualidade assim produzida e sujeita a equívoco [...] Um/seu efeito”. O acontecimento na relação com a memória discursiva advém do recorte que se materializa, objeto simbólico que se dá a ler.

O recorte torna-se objeto simbólico. O pedaço do real que é recortado é discurso, é acontecimento, significa. A produção do recorte do real é o acontecimento que se faz na sua própria produção, no seu próprio recortar. Dizendo de outro modo: o real do recorte é substituído pelo real que o recorte representa fazendo com que o real de fora entre em esquecimento. É preciso esquecer que há aquilo que digo para que o que eu digo seja na ordem do simbólico, aconteça discursivamente. Por isso Orlandi (2017, p. 58) nos diz que o efeito de memória “está na relação com o esquecimento [...] o acontecimento, que ele produz, sua historicidade, está na configuração que, pelo seu recorte ele produz como parte da memória, interdiscurso”.

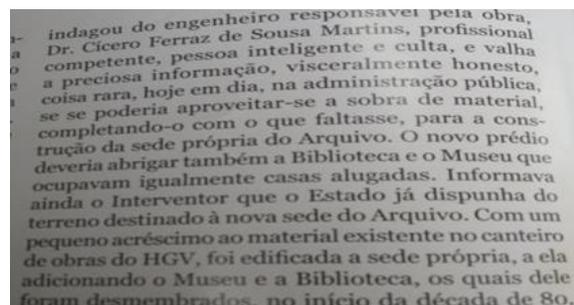
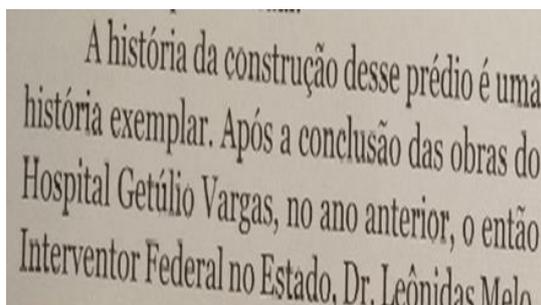
A memória estrutura a materialidade discursiva. Pela repetição se regulariza o dizer. Pêcheux (2015, p. 46) define a memória discursiva como sendo “... aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem estabelecer os “implícitos” [...] elementos citados e relatados, discursos-

transversos [...] a condição do legível em relação ao próprio legível”. Podemos com isso lançar uma segunda deixa para o debruçamento que nos propomos a fazer sobre nosso material de análise, a saber: a condição do legível, o acontecimento que se dá a ler na relação “obras” e “sobra”. A obra x (hospital) frente a obra y (Arquivo Público). Tanto a “sobra” quanto as “obras” são legíveis, mas os discursos que reverberam, fazem irromper uma contradição?

Partimos de duas marcas linguísticas que fazem irromper algo do que é legível no dizer sobre as condições de produção da obra do Arquivo Público, fruto da “sobra” das “obras” de outro prédio, o Hospital Getúlio Vargas. O discurso do aproveitamento do material como A (como uma “boa” ação política) é atravessado por outro que diz além disso (além de A diz B), diz uma “má” ação política.

Os efeitos de sentidos de “obras” e “sobra” na materialidade discursiva

Apresentamos a seguir dois recortes dos quais analisamos as sequências discursivas (doravante SDs).



Recorte 1:

SD1.1 > [A história da construção dessa obra é um caso exemplar]; SD1.2 > [Após a conclusão das obras do hospital Getúlio Vargas [...] o então Interventor Federal no Estado, Dr. Leonidas Melo]

Recorte 2:

SD2.1 > [indagou do engenheiro responsável pela **obra** [...] se se poderia aproveitar-se a **sobra** de material, completando-o com o que faltasse, para a

construção da sede própria do Arquivo]; SD2.2 > [O novo prédio deveria abrigar também a Biblioteca e o Museu]...

Nos detemos, pelo discurso, em uma questão que parece passar despercebida. A sobra de uma obra utilizada para a construção de outra. Da sobra da obra da saúde, o hospital, é construído a obra da memória, o arquivo público. Os termos sobras e obras são postas em relação em distintas formulações no sentido de parabenização ao Interventor e ao engenheiro pelo feito. No entanto, pelo movimento da língua, desliza um outro sentido daquilo que é dito, o que abre-se à leitura do documento a interpretação.

O que se dá a ler não é somente que os agentes públicos postos em tela de apreciação reaproveitaram as “sobras materiais” privilegiada saúde (um prédio moderno foi dado aos pacientes ou aos médicos que nele trabalhariam, muitos políticos de profissão no estado?). Funciona também outra formação discursiva, uma dizendo que a construção do lugar de memória, do abrigo dos arquivos (o Arquivo Público), é oriunda da sobra de uma obra que abrigaria a “labuta” de uma casta.

A palavra “sobra” desliza, falha, irrompe um sentido outro ao ser materializada. Ela marca uma teia de sentidos que se entrecruzam. Em uma posição x a “casa nova” e “tudo novo”, a arquitetura, o espaço institucional da saúde. De outro lado, a teia de discursos que tensiona o desprivilégio daquilo que compreendemos como memória institucional. O espaço encapsula o Museu, Biblioteca e Arquivo que se edificam com a sobra. Eles recebem o abrigo com o “completando-o com o que faltasse” que se diz querendo dizer outra coisa. Há, aqui, sentidos transversos que se significam, pela formulação, em “sobra” e “obra” ‘privilégio’ e ‘desprestígio’. Um deslocamento do/no espaço urbano, ou seja, o deslocamento discursivo de Teresina.

O fato de que o prédio do Arquivo Público do Piauí tenha sido construído com a sobra do prédio do Hospital Getúlio Vargas pode ser, de um ponto de vista do discurso, uma pista constitutiva do deslocamento da cidade das margens do rio Parnaíba para as margens do Rio Poti. O Arquivo Público está na primeira margem e o Hospital Getúlio Vargas na segunda. Esse

deslocamento acompanha o capital, ou seja, acompanha o deslocamento o prestígio comercial, do espaço citadino em que uma classe A, à época saía do centro, margens do rio Parnaíba, rumo à região mais a leste, margens do rio Poti .

Pensemos no que diz Orlandi (2014, p.3) sobre o fato de que “... não há separação justa entre o que é sujeito a equívoco e o que é estabilizado”. Na ordem do estável, do tenuamente posto na materialidade, a “boa intenção” de aproveitamento da “sobra” das “obras” do Hospital Getúlio Vargas para construir o prédio sede do Arquivo Público do Piauí, instaura-se pelo movimento da língua, o equívoco.

O acontecimento discursivo, aquilo que o recorte convoca, nos ensina que o sentido é um, mas pode ser outro, ou nos termos de Orlandi (op. Cit): “é o acontecimento discursivo que nos ensina que há sempre (outros) sentidos possíveis [...] que um acontecimento não para de produzir sentidos”. É partindo dessa premissa que compreendemos que a materialidade discursiva no recorte diz que o aproveitamento da sobra das obras é uma “boa intenção”, é fruto dessa boa intenção, mas também traz à tona um sentido outro, o que diz a respeito de ser o Arquivo Público do Piauí o construído com a sobra das obras e não o contrário. Assim, entre uma formulação e outra, se depreende que representações imaginárias, provenientes de processos discursivos sobre o modo de dizer, e como se significa o discurso sobre as instituições na cidade de Teresina.

Considerações Finais

A cidade de Teresina, na relação com o Arquivo Público do Piauí, provoca, conclama sentidos outros que não se atem com o estabilizado. O prédio é uma marca arquitetônica, mas as relações de força, as relações de sentido entre o “reduto” da memória de uma cidade, de um Estado, de um país, do mundo, enfim, são relações em que intervém o histórico, o político no real da língua. As relações de sentido que vinculam o Arquivo e seus arquivos à cidade são constitutivos de discursos, de historicidade.

O político faz com que o sujeito que diz da “sobra” se posicione e provoque a fissura no seu dizer sobre a “sobra” como aproveitamento e que diga, além disso, também da “sobra” como sendo o menos importante. Isto é, o uso da “sobra” da saúde irrompe a construção da “obra” da memória o Arquivo Público no espaço cidadão.

Pelo discurso, em análise, funciona o efeito de sentido de que uma marginalidade se impõe sobre a valorização da memória ao passo que para o lado que sede a “sobra” esse ato significa uma benesse. Para tal lado esse gesto, o de doar funciona discursivamente, é quase uma caridade, quase uma ação social. Do ato político de construir um hospital escapa um ato filantópico que constroí com a “sobra” um Arquivo, o Arquivo Público do Piauí.

Referências:

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Teresina, a capital que nasceu sob o signo do moderno e da pobreza**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/> Acesso em: 21/05/2019.

ORLANDI, Eni P. **Documentário**: acontecimento discursivo, memória e interpretação. In. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni P. **N/o limiar da cidade**. Revista Rua. Número Especial 7-19, 1999.

ORLANDI, Eni P. **Discursos e museus**: da memória e do esquecimento. Revista Entremeios. v.9, jul/2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória**. In ACHARD, Pierre (et al). Papel da memória. Campinas, SP: Pontes, 2015.